

# A boneca



Charles Waddell Chesnutt<sup>1</sup>

Supervisão e revisão da tradução: Antony Cardoso Bezerra<sup>2</sup>  
Universidade de Pernambuco (UPE)

## Nota Sobre a Tradução

No mês de agosto de 2007, apresentei à Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de Pernambuco (UPE) um projeto acadêmico que envolvia a

---

<sup>1</sup> Charles Waddell Chesnutt (1858-1932) foi um contista e romancista afro-americano. Nasceu em Cleveland, Ohio, de pais que houveram se mudado de Fayetteville, Carolina do Norte, com o propósito de se esquivar da repressão aos negros, ainda existente no Sul dos Estados Unidos. Depois de trabalhar como professor, Chesnutt passou a se dedicar à Literatura; particularmente, após à boa recepção que tiveram os seus primeiros contos, veiculados no prestigioso periódico *The Atlantic monthly*. Ainda que integrado às formas literárias dominantes (ditadas pela ascendência anglo-saxã), Chesnutt pode ser considerado uma espécie de pioneiro da ficção entre os afro-americanos; em especial, pelo realismo com que retrata a submissão dos negros e as tensões sociais que advieram da abolição das práticas escravocratas. Mais recentemente, Chesnutt tem sido alvo de estudos que revisam a sua condição de negro a produzir em um contexto que tendia a ser-lhe hostil. Exemplo disso é Wagner (2001), que investiga as múltiplas faces da discriminação no romance *The marrow of tradition [A essência da tradição]* (1901), obras em que o escritor retrabalha, ficcionalmente, uma rebelião da comunidade afro-americana de Wilmington, Carolina do Norte. Trata-se, nas palavras do próprio escritor, “de um romance, ao mesmo tempo em que é um tratado político e sociológico” que busca desvendar as vicissitudes de uma classe média afro-americana, que então ascendia socialmente (CHESNUTT *apud* WAGNER 2001:311). Em 1904, o conto “The doll” (na tradução ora proposta, “A boneca”) foi oferecido à revista *The Atlantic monthly*, que o recusou. Oito anos após, em 1912, a narrativa veio a lume, veiculada na edição de abril de *The crisis*, periódico da National association for the advancement of colored people [Associação nacional para o progresso das pessoas de cor]. A fonte utilizada para a presente tradução é Chesnutt (1998:109-117). Não consistindo exatamente em uma obra-prima da narrativa curta, “A boneca” tem, no mínimo, o mérito de se apresentar como o registro ficcional das tensões raciais de um momento da História estadunidense. Mais que isso, a composição suscita que implicações as questões étnicas trazem à vida do homem comum. Opondo as obrigações sociais às individuais, Chesnutt constrói uma rica dialética, que foca, preponderantemente, os pensamentos que povoam a mente da personagem Tom Taylor.

<sup>2</sup> Doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), é professor Adjunto de Literatura da Língua Inglesa da Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata, unidade da Universidade de Pernambuco (UPE) e coordenador do Grupo de Tradução Brenno Silveira.

tradução de obras da Literatura de Expressão Inglesa à Língua Portuguesa. Aprovada a proposta no mês de outubro, de pronto, dei início às atividades programadas. Após a seleção de cinco graduandos do Curso de Letras da Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata, unidade da Universidade de Pernambuco, desenvolvi e executei um plano de atividades semanais que envolviam exercícios de tradução (da Língua Inglesa à Língua Portuguesa), bem como a leitura e o fichamento, primordialmente, de textos já consagrados sobre a prática de tradução (p. ex.: Paes 1990; Rónai 1956; Silveira [19\_\_]).

O momento seguinte do projeto consistiu em se fazerem leituras de contos em Língua Inglesa – a condição de inéditos em vernáculo era essencial para a sua integração ao *corpus* que compus –, tarefa que prescrevi aos estudantes-orientandos. O texto eleito para se trabalhar pela equipe, a partir de então denominada Grupo de Tradução Brenno Silveira, foi “The doll”, do escritor norte-americano Charles Waddell Chesnutt. A tradução coletiva, empreendida sob minha supervisão entre fevereiro e abril de 2008, foi assumida com grande responsabilidade pelos licenciandos Hugo Lopes e Silva, Robson Gomes da Silva, Ronalva Maria da Silva, Selma Maria de Oliveira Negreiros e Wanessa Virgínia Rossiter Cavalcanti.<sup>3</sup> O resultado dessa prática – devidamente revisado e anotado por mim – é o que a seguir se apresenta.

---

Quando, ao meio-dia, após o almoço, Tom Taylor, dono de uma barbearia no Hotel Wyandot, saía de casa para voltar ao trabalho, sua filha, uma negrinha esperta, com olhos escuros muito brilhantes e cabelos pretos e crespos, enfiou no bolso do paletó de seu pai uma pequena boneca articulada, um pouco gasta pelo uso.

– Olhe, papai: não se esqueça do que deve ser feito por ela – disse, a menina, com sua voz infantil, estridente e aguda. – Os braços não funcionam,

---

<sup>3</sup> Em detalhes, o processo tradutório foi registrado em Silva & Bezerra (2008).

e as pernas também não; além disso, a cabeça não se sustenta. Prometa que vai levá-la ao concerto, hoje à tarde, e trazê-la para casa quando vier jantar; porque ela tem medo do escuro e sempre dorme comigo. Eu vou encontrá-lo na esquina às seis e meia. E não se esqueça, aconteça o que acontecer.

– Não, Daisy, não vou me esquecer – respondeu, levantando a filha à altura dos lábios e dando-lhe um beijo.

Ao chegar à barbearia, Tom Taylor retirou a boneca do bolso e a pendurou em um dos ganchos dourados que se projetavam da tela de arame que cercava a bancada do caixa, onde ficaria à vista. Em algum momento da tarde, com o propósito de consertar a boneca, ele a levaria para a loja de brinquedos próxima à barbearia. Mas o dia foi muito movimentado e, quando a tarde já estava bem avançada, o barbeiro ainda não havia cumprido a tarefa.

O Coronel Forsyth viera do Sul para participar de uma conferência de líderes dos Democratas com o objetivo de analisar os candidatos à presidência e suas plataformas. Houvera se hospedado no Hotel Wyandot, mas, na maior parte do tempo, estivera acompanhado pelo juiz Beeman, presidente do clube da cidade de Jackson, que ficou encarregado de fazer com que o coronel tivesse conforto e autonomia na localidade. Após um encontro com o comitê, por volta das quatro da tarde, os dois entraram juntos no saguão do Wyandot. Estavam discutindo as plataformas a serem apresentadas pelos dois grandes partidos para a campanha que estava por vir.

– Acredito, juiz – dizia o coronel –, que o Partido Republicano vai cometer um erro se incluir a questão do negro na plataforma. A questão é, essencialmente, local, e, se apenas o Norte deliberar em torno desse assunto e nos deixar em paz, poderemos conduzi-lo da maneira que acharmos mais conveniente. O lugar do negro está definido pela natureza, e, no Sul, ele sabe disso e não nos causa problemas.

– Os negros do Norte são diferentes – retrucou o juiz.

– Eles são todos iguais – discordou o coronel. – Vocês é que são diferentes. Acostumam mal os negros, que, assim, tiram liberdades com vocês. Mas todos os negros são do Sul e, quando encontram um sulista, agem da mesma forma. Eles nasceram para servir e receber ordens. Se fossem

dignos de igualdade, nunca teriam tolerado a condição de escravos. Eles não têm amor-próprio; nunca responderiam a um insulto, nem defenderiam um direito; tampouco se vingariam quando injustiçados.

– Mas veja bem, coronel, você não está sendo severo demais com os negros? Leve o passado deles em consideração.

– Severo? Por quê? Faça-me o favor! Eu não tenho nada contra esses negros. Até gosto deles: no lugar que lhes pertence. O que digo é a verdade. Está com pressa?

– Não, não estou.

– Então vamos até a barbearia, no andar de baixo, e eu provarei o que digo.

A barbearia era a mais elegante da cidade. Ficava no subsolo do hotel, com o teto apainelado, que brilhava com luzes elétricas. O piso era de ladrilho branco; nas paredes, alinhavam-se grandes espelhos. Impecavelmente vestidos de branco, lá estavam dez barbeiros de cor. Cada um se postava por detrás de cadeiras do mais moderno estilo e muito confortáveis. Todas eram ocupadas por clientes brancos. Uma atmosfera de disciplina e de boa ordem dominavam o estabelecimento. Não havia conversa alta entre os clientes, tampouco falatório inconveniente por parte dos barbeiros. A boa administração da barbearia saltava aos olhos. Frequentavam-na clientes que poderiam arcar, sem restrições, com o preço de um serviço exclusivo. Assim que o juiz e o coronel entraram, um cliente desocupou a cadeira atendida pelo proprietário.

– Próximo, por favor – disse o barbeiro.

O coronel retirou o seu colarinho e sentou-se na cadeira vaga, ordenando, ao mesmo tempo em que passava a mão pelo pescoço: – Eu quero um barbear rente, barbeiro.<sup>4</sup>

– Sim, senhor, um barbear rente.

O barbeiro aparentava contar cerca de quarenta anos; tinha a pele negra,

---

<sup>4</sup> No original, “*close shave*”, que tanto pode significar um “barbear rente”, como a “exposição a perigos”. [N. do R.]

os traços bem-definidos e o cabelo crespo. Levado, pelas circunstâncias, a uma carreira de serviço pessoal, elevara-a – pela inteligência, pelo tato e pelo esforço – à dignidade de um negócio bem-sucedido. O juiz, cliente assíduo da barbearia, conhecia-o bem e, frequentemente, quando sentado em sua cadeira, havia conversado com o barbeiro a respeito da raça deste – um tema bastante presente, que estava na ordem do dia.

– Como eu estava dizendo – prosseguiu o coronel enquanto o barbeiro ajustava uma toalha em torno do seu pescoço –, a questão do negro é perfeitamente simples.

O juiz achou de gosto questionável, por parte do coronel, continuar a discussão segundo a linha de raciocínio anterior. Os homens do Norte até podem falar do negro num tom depreciativo, mas, raramente, em sua presença. Assim, tentou desconversar.

– O problema das tarifas é complicado – pontuou o juiz.

– Muito mais complicado, certamente, do que o problema do negro, que é absolutamente simples. Basta uma oportunidade para o homem branco impressionar o negro com sua superioridade; basta o negro ver que não há escapatória do inevitável, e a questão está encerrada. O melhor do negro é que, com todas as suas limitações, tem condições de reconhecer um propósito. É o segredo da sua persistência entre nós. Ele adquiriu a capacidade de evolução, é certo – pela lei da sobrevivência dos mais aptos. Muito tempo atrás, quando rapaz, matei um negro para ensinar-lhe o seu lugar. Aquele que aprende uma lição dessa forma, certamente, nunca ofenderá de novo; tampouco vai perpetuar a sua estirpe.

O barbeiro, tendo coberto de espuma o rosto do coronel, afiava a navalha com movimentos largos e firmes. Conseguia escutar com perfeição cada palavra pronunciada pelo coronel, mas revelava um semblante de indiferença, não insinuando qualquer interesse. O coronel parecia tão inconsciente da presença do barbeiro quanto o barbeiro da fala do coronel. Certamente, pensou o juiz, se tal liberdade de expressão fosse regra no Sul, a veemência do coronel devia estar correta; e os negros seriam inteiramente intimidados. Para um homem do Norte, era uma situação pouco confortável.

– Os interesses do Sul no ferro e no açúcar – insistiu o juiz – resistirão a qualquer redução da tarifa.

Independentemente de qualquer coisa, o fato é que o coronel não estava disposto a mudar nem de assunto, nem de propósito.

– É bem provável que assim seja; e nós devemos discutir a matéria com os homens brancos, que são movidos pela razão. O negro, por outro lado, é uma criatura de instinto; não se pode argumentar com ele; você deve dar ordens a ele e, caso resista, atirar nele, como eu fiz – o coronel confessou ao juiz e, voltando-se para Tom Taylor, advertiu – barbeiro, não se esqueça de que eu quero um barbear rente.

– Não, senhor – respondeu o barbeiro, que, tendo afiado a sua navalha, começava, agora, a passá-la firme e uniformemente sobre a face do coronel.

– Deve ter sido um caso grave, que justificasse uma decisão tão extrema – disse o juiz.

– Grave, meu caro? Perdoe-me, mas não sou capaz de olhar para a minha conduta sob um tal prisma. Talvez possa dizer que se trate de um caso grave no que diz respeito ao negro em questão. Não estou me gabando de meu procedimento; não passou, isto sim, de uma desagradável necessidade. Sou, por natureza, um homem de bom coração e me faz mal matar até mesmo uma mosca. Tudo aconteceu depois da guerra, meu caro juiz, no momento em que o período de Reconstrução se aproximava de um desfecho.<sup>5</sup> Minha mãe empregou uma jovem negrinha, filha de um antigo criado da casa, como babá.

O barbeiro analisava o rosto do coronel à medida que a navalha passava pela face do cliente. Os olhos do coronel estavam cerrados. Do contrário,

---

<sup>5</sup> A guerra em questão é a da Secessão (também conhecida como Guerra Civil Norte-Americana), que, entre 1861 e 1865, pôs em frentes opostas o Norte e o Sul dos Estados Unidos. A renitência do Sul em abolir a escravidão é o elemento-chave a desencadear o conflito. A Reconstrução aludida corresponde ao período que vai de 1863 a 1877, quando o Norte – vencedor da contenda – desenvolveu iniciativas no sentido de apagar as práticas do Sul escravocrata; fundamentalmente, por meio de emendas constitucionais e da ocupação militar. O ano de 1877 marca a dissolução das políticas vigentes nos últimos três Estados que resistiram ao assédio das inovações (isto é, o antiescravismo). [N. do R.]

poderiam ter flagrado o repentino lampejo de interesse que aflorou da máscara de autocontenção que ocultava a expressão do barbeiro; foi como um clarão que atravessasse o céu nublado. Involuntariamente, a navalha permaneceu estática, no ar, mas, em menos tempo do que se leva para descrevê-lo, tornou ao movimento, rápida e suavemente, sobre o rosto do coronel. Barbear um homem tão falante demanda uma habilidade singular. Apesar disso, cada um era exímio em seu afazer: o barbeiro em barbear, e o coronel em conversar.

– A garota havia infringido alguma regra de conduta. A minha mãe a repreendeu, mandando-a de volta para casa. A menina reclamou ao pai, e este foi passar a questão a limpo com a minha mãe. Portou-se de forma insolente: ofensivo e ameaçador. Fui à sala e dei ordem para que ele se retirasse. Em vez de obedecer, meu caro, voltou-se contra mim com hostilidade, fazendo-me ameaças. Saquei o meu revólver e atirei nele. O resultado foi indesejável; mas tanto ele como o seu povo tiveram uma lição. Em nossa cidade, não ocorreram mais problemas envolvendo negros petulantes.

– E essa situação não lhe trouxe nenhum problema? – perguntou o juiz.

– Para falar a verdade, nenhum, meu caro. Embora tenha havido procedimentos, não passaram de mera formalidade. Em meu depoimento, confirmado pela minha mãe, fui dispensado pelo juiz de paz, e o caso nem mesmo chegou a ser levado ao juizado. Foi um caso claro de legítima defesa.

O barbeiro tinha ouvido a mesma história, com alguns detalhes ignorados ou esquecidos pelo coronel. O pai do barbeiro fora o homem morto pelo coronel, e, por muitos anos, o filho sonhou com este encontro.

Tom Taylor lembrava da história desta forma: seu pai tinha sido escravo. Libertado pela Guerra Civil, entrou em uma nova vida com o fervor e o entusiasmo do seu povo no alvorecer da liberdade, os quais parecem dignos de comiseração, tendo em vista o desenrolar desairoso dos fatos. O homem, tratado como mercadoria, ansiava por possuir a sua terra; o escravo, privado do direito de estudar, anelava a educação dos descendentes.

Trabalhava dia e noite, guardava seu dinheiro com a prudência semelhante à de um imigrante alemão e seus filhos frequentavam regularmente a escola.

A menina – o barbeiro lembrava muito bem – tinha uma boa aparência, era doce no falar e de modos gentis; algo como o trigo no meio do joio. Um dia, a antiga patroa de seu pai encontrou-o na rua e, após uma conversa amena, perguntou se poderia contratar a filha dele durante o verão, quando não havia aula. A patroa estava para receber a visita de uma filha sua, casada. A jovem tinha um filho pequeno e, por isso, queriam uma menina atenciosa e cuidadosa para tomar conta do bebê.

– Ora, sim senhora – replicou o pai do barbeiro – eu acho que pode ser uma coisa boa pr’ Alice. Quero qui ela seja professora; mai ela pode aprendê coisas cum ocê, senhora, o qui nenhum professor pode insiná pra ela. Ela pode aprendê boas manêra, senhora, e os modo dos branco, e nenhum lugá é mió do qui na sua casa.

Assim, Alice foi para a casa da antiga patroa de seu pai para aprender os modos dos brancos. A senhora fora gentil e agradável. Mas, entre todas as pessoas, existem modos e modos.

Quando Alice já houvera passado três semanas no novo emprego, um filho da patroa – irmão mais novo do coronel – voltou a casa, vindo da faculdade. Algumas semanas depois, a menina voltou ao lar, à procura do pai. De quem era a culpa maior, o barbeiro nunca soube. Poucas horas depois, o pai foi falar com a mãe do coronel. Foi uma conversa turbulenta. O que ele disse às senhoras brancas, em se tratando de um homem negro, foram coisas a que os ouvidos delas não estavam acostumados. O filho mais velho tinha entrado na sala e interveio. O pai do barbeiro virou-se para ele e exclamou, furiosamente:

– Vá embora daqui, garoto, e nem venha falar comigo, ou eu não respondo por mim.

O jovem ficou parado. O negro avançou na direção dele, ameaçando-o. Então o jovem, em um átimo, sacou sua arma e feriu fatalmente o negro, que viveu apenas o tempo suficiente para, após ser levado de volta a casa, sussurrar à esposa e aos filhos o que havia acontecido.

O resto da história ia muito além do que o coronel relatara. Nas recordações do barbeiro, de qualquer forma, a senhora não fora chamada para depor porque estava doente na hora da audiência, obviamente em decorrência de algum choque nervoso.

Tom Taylor soube que a mãe do coronel, em reserva, houvera oferecido ajuda à família do morto, e que a ajuda foi recusada com frio rancor. Soube, ainda, que o assassino permaneceu impune, e que, anos após o ocorrido, entrou no mundo da política, tornando-se líder e porta-voz do seu partido. Todo o mundo sabia que ele, com muito fervor, levantava a bandeira de uma oposição ferrenha aos direitos dos negros.

O barbeiro não passava de um garoto à altura em que o pai morreu, mas não tão jovem a ponto de ficar alheio à desgraça que se abatera sobre aquele lar. A família não tinha vintém. Os detalhes sórdidos dos infortúnios não seriam de interesse. Pobreza, doença e morte perseguiram os infelizes; até que apenas o garoto subsistisse. Muitos anos haviam passado. O garoto de cor que havia chorado junto ao caixão do pai, e que nunca havia esquecido ou perdoado, era, neste momento, o barbeiro de ar sério, de olhar obstinado, que, com destreza, tinha uma arma mortal sobre a garganta do assassino.

Com que frequência ele ansiou por este momento! Nos seus sonhos, Tom Taylor matara esse homem uma centena de vezes, de uma dúzia de maneiras distintas. Certa vez, quando mais jovem, fora conhecê-lo com o propósito definido de tirar-lhe a vida, mas o acaso os manteve distantes um do outro. Houvera imaginado situações em que poderiam estar cara a cara. O barbeiro veria o homem branco se debatendo na água; bastaria estender a mão para frente e salvá-lo; falaria, no entanto, do seu desprezo, deixando o outro se afogar. O barbeiro imaginava o malfeitor em uma casa incendiada, de onde seria possível resgatá-lo; e o chamaria de assassino, deixando-o arder em chamas! Ele veria o coronel no banco dos réus, pelo assassinato de um homem branco, e apenas o seu testemunho poderia salvá-lo, mas o deixaria sofrer o destino mais que merecido! Tom Taylor teve uma visão do pai, apenas uma hora antes de estremecer com esperança e alegria, rígido e frio na morte; enquanto, sob sua navalha afiada, estava o pescoço de seu inimigo;

o inimigo, também, dos de sua raça, determinado a rebaixá-los, para ensinar a eles, se preciso fosse, com tochas e armas, que o lugar deles era aos pés do homem branco, para serem pisados; que os desprezava tanto, que poderia falar o que bem entendesse na presença de um deles.<sup>6</sup> Um movimento da lâmina afiada, um desvio de apenas um centímetro no movimento, e uma morte seria vingada; um inimigo, aniquilado.

No minuto seguinte, o barbeiro ouviu cada batida de sua própria pulsação, e o coronel, em uma inconsciência serena, estava mais perto da morte do que jamais havia estado no decorrer de uma vida longa e atribulada. Ele não ia além de um coronel de milícia e nunca estivera em combate, mas havia passado sua turbulenta carreira política em uma comunidade na qual a vida valia pouco, em que palavras fortes eram, frequentemente, seguidas por feitos impetuosos, e assassinato era tolerado como forma de vingança particular e ascensão política. O coronel continuou a falar, mas nem o juiz, nem o barbeiro – cada um absorvido em seus próprios pensamentos – escutaram.

Para o juiz, que vivia em uma comunidade na qual os negros votavam, a franqueza do coronel foi uma curiosa revelação. Sua linguagem era elaborada, ainda que transmitida com a entonação do Sul, fácil e fluente, e, dirigindo-se diretamente ao barbeiro, seus modos seriam cordiais na medida certa. O juiz também tinha interesse em observar o barbeiro, o qual, evidentemente, reprimia alguma forte emoção. Ao juiz, parecia muito provável que o barbeiro pudesse trazer algum ressentimento, motivado por essa fria narração de assassinato e afronta. Ele não sabia o que poderia ser verdade a respeito dos negros do Sul, mas fora juiz de uma corte policial, em um período da sua carreira ascendente, e tinha encontrado pessoas de cor propensas a ter acessos repentinos de fúria quando sob o efeito de uma forte emoção, com ferramentas pontiagudas ao alcance da mão e aptos a causar ferimentos amplos e profundos, nem sempre tendo o cuidado de distinguir a cor da pele. Era evidente que

---

<sup>6</sup> Muito usualmente, os indivíduos que linchavam negros corriam, noite adentro, carregando tochas. Essa prática era usual, por exemplo, no seio da Ku Klux Klan, a mais conhecida organização a perseguir sistematicamente minorias étnicas nos Estados Unidos de fins do século 19 à primeira metade do século 20. [N. do R.]

os sentimentos do barbeiro estavam agitados, e o juiz, capaz de analisar a natureza humana, estava curioso para ver se aquele seria, pelas circunstâncias, levado a pronunciar-se. Não teria sido novidade – fregueses da barbearia usualmente discutiam questões sociais com o barbeiro. Era evidente que o coronel estava fazendo uma experiência para, no saguão acima, demonstrar sua hipótese. O juiz, no entanto, não tinha como saber a relação pessoal do barbeiro com a história, nem sucedeu a ele que o barbeiro pudesse imaginar nenhuma intenção assassina motivada, tão-somente, pela detecção de uma injustiça. A mão do barbeiro sequer tremia.

Entretanto, na cabeça do barbeiro, o turbilhão de emoções tinha passado ligeiramente pela esfera do geral, pousando no plano de uma ofensa particular. Tão forte, naquele momento, era o impulso homicida, que este já teria prevalecido, não fosse o barulho da porta abrindo, que, com a entrada de um cliente, distraiu a atenção do barbeiro e pôs em curso uma torrente de pensamentos que lutavam pela vida do coronel. O olhar que o barbeiro dirigiu para a porta, pela força do hábito, abrangeu toda a barbearia. Era um espaço elegante e se tratava, para ele, de algo que ia além do mero orgulho pessoal. Proeminente entre um povo que combatia bravamente pela sobrevivência, ainda pouco além do limite da cidadania, havia um certo tempo, o barbeiro tinha muitos olhos sobre si e, por isso, acostumara-se à ideia de ser um homem que representasse o seu povo, por cujos fracasso ou sucesso a sua raça seria testada. Matasse, neste momento, o homem que se encontrava sob seus serviços, o povo do barbeiro perderia este belo estabelecimento. Esse ofício, anos antes, todo ele pertencera aos homens de cor. Um por um, os mestres barbeiros de cor, treinados nos antiesquemáticos modos antigos, acabaram por deparar com uma massiva competição branca, até que esta barbearia fosse uma das poucas de boa qualidade que restassem nas mãos dos homens de sua raça. Muitos olhos invejosos se lançaram sobre ele. O contrato de aluguel tinha apenas um ano para expirar. Uma forte pressão, ele sabia, havia sido feita por um rival branco para tomar as rédeas do estabelecimento. O barbeiro tinha, do proprietário do hotel, a promessa de renovação; porém, sabia muito bem que, se perdesse a barbearia, nenhum outro homem de cor assumiria

seu lugar; um centro de trabalho ordeiro, um meio de contato amistoso com homens brancos estaria perdido para seu povo. Não poucas vezes, o barbeiro foi capaz de beneficiar seus pares enquanto dispunha do ouvido – literalmente, do ouvido – de algum cidadão influente, ou manter algum aspirante a um cargo público por meio do convencimento da fala. Dos dez barbeiros que ali trabalhavam, todos, exceto um, eram casados, cada qual com família para amparar. Um deles sustentava o filho na faculdade; outro estava comprando uma casa. O único solteiro, durante o tempo livre, aperfeiçoava-se em uma profissão, com a esperança de voltar ao seio de seu povo, em um Estado do Sul, para exercê-la. O destino de todos, de certo modo, dependia da posse da barbearia. Deveria se render ao impulso que o tentava e colocar em risco seu meio de vida? Qual homem branco, enquanto a lembrança desse trágico evento perdurasse, deixaria o pescoço à mercê da navalha de um negro?

Tal, no entanto, foi a força do impulso contra que o barbeiro lutava que aquelas considerações tendiam a não prevalecer. De fato, elas povoaram a mente de Tom Taylor de uma maneira vaga, remota e isolada, enquanto a ideia dominante estava presente e o impelia, alcançando-lhe o coração, movendo lentamente os seus braços, guiando seus dedos. Foi por sua magnitude, e não por sua nitidez, que estas forças detiveram o braço do barbeiro por tanto tempo, em xeque – era a sociedade contra o indivíduo, a civilização contra o instinto primitivo, simbolizando, muito mais do que o barbeiro poderia perceber, o grande problema social envolvido no futuro de sua própria raça.

Agora, houvera percorrido com os olhos o rosto do coronel, submetendo aquele senhor a menos desconforto do que suportara durante um longo tempo, enquanto à mercê de a uma situação parecida. Um lado do rosto do coronel já tinha sido retocado, e o barbeiro tinha virado a cabeça do cliente, para finalizar o trabalho do outro lado. Com a navalha a deslizar algumas outras vezes, o coronel poderia se sentir realizado com um barbear rente – tão rente que ele nunca saberia! –; ou um movimento, na direção certa, que não mais lhe permitiria levantar-se! Apenas um dia antes, o barbeiro houvera lido, no jornal, um relato de um chocante linchamento em um Estado

do Sul, onde, para vingar um único assassinato, oito negros foram mortos e uma mulher fora queimada no poste por nenhum outro crime senão o de ser esposa do próprio marido. Apenas um movimento e se teria um a menos desses indivíduos que, brutalmente, brincam com a vida humana!

A mão erguida iniciou um gesto descendente, e mortal – no exato momento em que um dos barbeiros derrubou uma taça de barbear, que se espatifou no chão de mármore. O destino certamente conspirava a favor do coronel; ou seria a favor do barbeiro? Involuntariamente, este suspendeu o movimento – como que por instinto, seu olhar voltou-se para a cena do incidente. Sua atenção se voltava novamente à lâmina erguida e à tarefa inacabada, quando foi surpreendida pela boneca de Daisy, pendurada no gancho dourado, onde fora deixada.

Se a navalha tivesse chegado ao seu destino, a promessa feita a Daisy não seria honrada. Ela esperaria pelo pai na esquina; e o faria em vão! Se o barbeiro matasse o coronel, também dificilmente escaparia, pois era negro, e não branco, e estava no Norte, e não no Sul; e, além disso, vingança pessoal não era aceita pela Justiça como justificativa para assassinato. Morresse ou não, Daisy não mais poderia contar com ele. Era viúvo, e não haveria ninguém para cuidar da criança. Se o próprio pai tinha morrido em defesa da filha, o barbeiro tinha de viver para defender a sua: Daisy. Se houvesse um Deus justo, que separasse o bem do mal, o coronel um dia teria o que merece. Cabe a Deus a vingança; Ele é o responsável por castigar.

A boneca articulada salvara a vida do coronel. Se a sociedade havia derrotado o indivíduo ou não, talvez fosse uma questão a se discutir; mas a verdade é que a coletividade deteve a mão do barbeiro até o amor triunfar sobre o ódio.

O barbeiro deixou a navalha de lado, limpou o rosto do coronel, trouxe-o, com um movimento da cadeira, para uma postura ereta, penteou seu cabelo, retirou os panos que envolviam o pescoço, entregou-lhe uma nota de cartão com o valor da conta e permaneceu estático ao lado da cadeira. O coronel ajustou o colarinho, jogou uma moeda equivalente ao dobro do valor do serviço e, sem esperar pelo troco, dirigiu-se, juntamente com o juiz, para

a saída da barbearia. Mal haviam alcançado a porta principal, no saguão do hotel, o barbeiro, devido ao grande sofrimento, prostrou-se pesadamente na cadeira mais próxima.

– Veja bem, juiz – disse o coronel, enquanto entravam no saguão –, foi uma barba bem feita. Que pecado seria desperdiçar um barbeiro desse calibre, fazendo dele um agente dos correios!<sup>7</sup> Eu não disse nada a ele: não faz sentido elogiar um negro em demasia, acaba por fazer com que se sintam sabichões; por isso, nunca o fiz – ele continuou, passando a mão pelo rosto e apreciando o serviço. Nunca fui tão bem barbeado em toda a minha vida. E ainda provei a minha teoria. O barbeiro é o filho do negro que eu matei.

O juiz não estava certo sobre o coronel ter provado sua teoria e, menos ainda, depois de ter conversado com o barbeiro, uma semana depois. E, apesar de o coronel permanecer no Wyandott por vários dias, não voltou a frequentar a barbearia do hotel.

## Referência Bibliográfica

BOYD, Deanna; CHEN, Kendra. 2009. *The History and experience of African Americans in America's postal service*. Disponível em <<http://www.postalmuseum.si.edu/africanamericans/p2.html>>. Acesso em 7 jan.

CHESNUTT, C.W. 1998. *Tales of conjure and the color line: 10 stories*. Mineola: Dover. p. 109-117: The Doll.

PAES, José Paulo. 1990. *Tradução: a ponte necessária: aspectos de problemas da arte da tradução*. São Paulo: Ática.

RÓNAI, Paulo. 1956. *Escola de tradutores*. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: São José.

---

<sup>7</sup> De acordo Boyd & Chen (2009), a profissão de agente dos correios era relativamente comum entre os afro-americanos que, no século 19, conseguiam alguma forma de ascensão social. Como reconhecimento pelo apoio eleitoral de vários negros, presidentes republicanos indicaram uma expressiva quantidade deles para funções postais. [N. do R.]

SILVA, Ronalva Maria da; BEZERRA, Antony Cardoso. 2008. Teoria e Prática de Tradução e a Reflexão no Ensino-Aprendizado. *In: Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRPE*, 8., 2008. Recife. *8.a Jornada de ensino, pesquisa e extensão da UFRPE: trabalhos*. Recife: UFRPE. [Texto não paginado.]

SILVEIRA, Brenno. [19\_\_]. *A arte de traduzir*. São Paulo: Melhoramentos.

WAGNER, Bryan. 2001. Charles Chesnutt and the Epistemology of Racial Violence. *American Literature*, Durham, v. 73, n. 2, p. 311-337, June.